



CARTOGRAFIAS DA BUENOS AIRES MISTERIOSA:
ENTRE A CRÔNICA, A CIDADE, OS DESLOCAMENTOS E
SEUS SUBTERRÂNEOS

CARTOGRAPHIES OF THE MYSTERIOUS BUENOS
AIRES: BETWEEN THE CHRONICLE, THE CITY, THE
DISPLACEMENTS AND THEIR UNDERGROUND

Luciana NASCIMENTO¹

¹ Docente do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada- UFRJ. Departamento de Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ. E-mail: zen.sansara@uol.com.br.





RESUMO

Todas as cidades possuem suas histórias oficiais, bem como cada uma delas guarda em seus subterrâneos da memória, histórias que trazem para a cena escrita fantasmas e acontecimentos insólitos, e o que se inscrevem nas “chamadas lendas urbanas”. Neste trabalho, pretende-se fazer uma leitura das crônicas “*Rufina Cambaceres, la joven que murió dos veces*”, “*La Dama de blanco*” e “*Fantasmas subterrâneos*”, pertencentes à obra *Buenos Aires misteriosa. Crímenes, leyendas y fantasmas de la ciudad*, de Diego M. Zigiotta. Para a leitura dos textos citados, nosso ponto de partida foi o estudo das relações entre literatura e experiência urbana e o entrelaçamento entre a cidade real e a imaginária.

PALAVRAS-CHAVE

crônica; cidade; Buenos Aires; imaginário urbano.

ABSTRACT

All cities have their official history, as well as each of them keeps in their underground memory, stories that bring to the scene written ghosts and unusual events, which are inscribed in the “called urban legends”. In this work, we intend to read the chronicles *Rufina Cambaceres*, the young woman who died two times, *La Dama de blanco* and *Ghosts underground*, belonging to the work *Buenos Aires misteriosa. Crímenes, leyendas y fantasmas de la ciudad*, by Diego M. Zigiotta. For reading the aforementioned texts, our starting point was the study of the relationship between literature and urban experience and the intertwining between the real and the imaginary city.



KEYWORDS


chronicle; city; Buenos Aires; urban imaginary

1. INTRODUÇÃO

A questão na viagem na literatura, hoje, abarca variados sentidos que marcam uma ruptura com o conceito clássico do tema na literatura, o qual sempre é associado ao Grand Tour ou às viagens filosóficas, exploratórias, as quais foram registradas em diários e relatórios de viagens pelos viajantes estrangeiros nas terras novas, nos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX. Conforme Caren Kaplan (1996), a viagem tornou-se uma diretriz para se pensar as migrações no bojo das indagações acerca das identidades. A autora assevera que a mobilidade e a viagem compõem partes da subjetividade sendo que os trânsitos dentro dos textos ganharam relevo nos discursos críticos nos séculos XX e XXI (Kaplan, 1996, p. 8).

Destaque-se que as viagens traduzem os mais variados deslocamentos no espaço geográfico, incluindo a viagem realizada pelo *flâneur*, que ao cruzar a cidade seu deslocamento se torna o equivalente das grandes narrativas de viagens a lugares longínquos. Assim, temos como exemplo a epopeia de do Ulisses, de James Joyce, cujo personagem é Leopold Bloom, um cidadão comum que caminha pelo espaço da Dublin,² em meio às suas perturbações e ao seu cotidiano, perfazendo uma verdadeira “Odisseia” de apenas um dia.

² Todos os anos, no dia 16 de junho se comemora o Bloom's day em homenagem ao personagem de James Joyce, na Irlanda. Dublin é considerada pela UNESCO uma cidade criativa e literária.



Tendo como horizonte os deslocamentos realizados no espaço urbano, neste trabalho, pretendemos estudar os textos que trazem a tona os subterrâneos da cidade de Buenos Aires, na crônica de Diego M. Zigiotto, partindo de uma reflexão sobre a cartografia urbana na literatura, tal como Walter Benjamin a postulou, a partir de seus estudos sobre a modernidade e a cidade na obra do poeta francês Charles Baudelaire.

A obra *Buenos Aires misteriosa. Crímenes, leyendas y fantasmas de la ciudad*, de Diego Zigiotto, publicada em 2014 dialoga com a temática do fascínio urbano, temática essa bastante presente na escrita de autores como Jorge Luis Borges, Olivério Gironde, Bioy Casares, entre outros.

Vale ressaltar a interessante motivação para a escrita da obra. De acordo com Diego Zigiotto, jornalista, escritor e Guia Turístico, a cidade moderna ainda mantém seu fascínio no imaginário social. Além disso, de acordo com o autor, durante os circuitos por ele organizados, momento em que narrava aos turistas a história da cidade, as características dos lugares, ele passou a incluir as curiosas e misteriosas narrativas de crimes e lendas urbanas, que retomam o passado da cidade e, ao mesmo tempo, promovem um deslocamento pelos subterrâneos de Buenos Aires. Certeau compreende os que a prática dos lugares os transforma em espaços. (Certeau, 1998, p.202). Nesse sentido, a cidade e suas ruas definidas pelo urbanismo moderno, ao serem usadas pelos pedestres vão se tornar espaços e não mais lugares. Então, podemos afirmar que a crônica de Zigiotto ao situar as assombrações, fantasmas e lendas urbanas em lugares históricos e pontos turísticos da urbe, realiza uma apropriação do lugar, na concepção de Certeau. (Certeau, 1998, p. 202-203).



Nesse encontro entre espaço urbano e literatura, é possível compreender como a imagem e a identidade portenhas têm sido construídas ao longo do tempo. Destaque-se que a construção das imagens desses espaços subterrâneos de Buenos Aires ressignificam a memória da cidade, transformando-os em produto turístico.

2. CRÔNICAS E MISTÉRIOS DE BUENOS AIRES

A partir da década de 1850 do século XIX, a literatura instaura um discurso sobre o urbano, que expressou em larga medida, os conflitos, as vivências, os sujeitos e a forma como estes se relacionaram dentro desse espaço. Os bulevares e as ruas enquanto símbolos da vida moderna têm sido escritos e reescritos em textos diversos, tanto do ponto de vista do *flâneur* como do *voyeur*, os quais são acionados como tipos itinerantes do espaço urbano e produzem uma reflexão sobre o indivíduo e a sociedade. A matriz baudelairiana de Paris influenciou toda uma literatura urbana, incluindo o *flâneur*, o sujeito poético de “O Cisne”, “A Passante” e “O pintor da vida moderna”, textos esses modelares sobre o fazer artístico na modernidade, no qual o escritor Charles Baudelaire expôs através do *flâneur*, os sujeitos dos bulevares da cidade moderna europeia. (Benjamin, 1991).

Pensar a cidade moderna na América Latina, a partir da modernidade europeia de matriz parisiense é, sobretudo, observar que os escritores latino-americanos, através das múltiplas leituras da urbe, estabeleceram mosaicos textuais urbanos. Ao utilizarmos a metáfora do mosaico, ao juntar fragmentos de vários tons, perguntamo-nos o que aproximou ou distanciou as cidades geradas pela modernidade do século XIX? E no caso da América Latina,



mais, especificamente de Buenos Aires, a cidade que se caracterizou por ter se tornado uma “Paris nos trópicos,” como esta cidade é ressignificada na produção literária contemporânea?

Destaque-se o gênero que se estabeleceu com impôs com grande relevo, em fins do século XIX para tematizar a cidade foi a crônica. O texto cronístico, como bem assinalou Antonio Candido (1991), aborda o fugaz, o circunstancial e como texto relacionado ao fator tempo – ao *Chronos*, o narrador acompanha o movimento urbano. Destaque-se que a crônica traz para a escrita o circunstancial e em fins do século XX/início do século XX estava intimamente ligada ao desenvolvimento da imprensa.³

Dessa forma, podemos afirmar que a crônica se torna um espaço de múltiplos trânsitos sobre a cidade, ao revisitar subterrâneos da urbe, resgatar fantasmas e “mortos de sobrecasaca”⁴, como ocorre com no conjunto de textos intitulado ***Buenos Aires Misteriosa. Crímenes, leyendas y fantasmas de la ciudad***, de autoria de Diego Zigiotto, jornalista, cronista e guia turístico argentino. Nos textos do citado autor há uma mescla entre a crônica e a lenda urbana, uma vez que o cronista trata de histórias de medo e assombrações que habitam cemitério, galerias do metrô [Subte], casas e teatros que datam de fins do século XIX e são considerados edifícios históricos e constituem importantes pontos turísticos da capital argentina.

³ Zigiotto produziu e apresentou o programa Buenos Aires Curiosa na Rádio América, de Buenos Aires. Publicou também *Las mil y una curiosidades del Cementerio de la Recoleta; Historias encadenadas de Buenos Aires e Las mil e una curiosidades de Buenos Aires*.

⁴ Expressão que tomamos de empréstimo do Poema homônimo de Carlos Drummond de Andrade, da obra **Sentimento do Mundo**, por expressar um movimento sugestivo de rememoração do passado, através da fotografia de um antepassado vestido à moda antiga e ao mesmo tempo, os cupins e vermes roem as páginas do álbum e as fotos amareladas pelo tempo.



O livro *Buenos Aires misteriosa* divide-se em blocos temáticos, a saber: Crímenes Porteños; Leyendas urbanas; Envenenados y envenenadores; Fantasmas porteños; Descauartizados y descuartizadores e Mansiones com leyendas.

No tecido urbano, a linguagem toma trajetos, materialidades históricas e metafóricas que expressam os mais diversos sentidos da própria cidade, como é o caso das crônicas de Zigiotto, que revisita em seus escritos lugares, tais como: avenidas, o Subte [o metrô], o Cemitério da Recoleta, onde um narrador tal qual um *flâneur* que recolhe as narrativas que aterrorizam a cidade e as lendas urbanas que se referem a episódios passados datados dos fins do século XIX, mas que ainda permanecem no imaginário portenho e também fascinam turistas e leitores.

As lendas urbanas⁵ constituem narrativas breves relacionadas à oralidade, as quais recorrentemente apresentam elementos do extraordinário e do inusitado, tendo origem em algum fato que possui um referente real. Quando essas lendas urbanas se referem aos monumentos ou edificações, elas geram novas formulações discursivas sobre a cidade, trazendo para a cena escrita, como é o episódio da crônica do escritor Diego Zigiotto, uma cidade subscrita, revelando outra cidade, ou seja, àquela que escapa à ordem do urbano.

De acordo com Lopes (2010), “Algumas lendas urbanas se tornam clássicos do gênero pelo modo como ressurgem em ciclos, mantendo um motivo comum, mais ou menos invariável, e adaptando-se aos temas locais e ao momento sócio-histórico em que circulam.” (Lopes, 2010, p. 11). De

⁵ De acordo com Sylvie Dion, a expressão “Lenda Urbana” vem da língua inglesa - Urban legends e foi utilizada pelos folcloristas estadunidenses, nas décadas de 1970 e 1980, para caracterizar narrativas da “vida moderna que eram contadas como verdade”, sem, no entanto, sê-las. (Dion, 2008, p.4.).



acordo com o autor, podemos afirmar que no âmbito das lendas urbanas de caráter quase universal, elas são adaptadas às peculiaridades do local e do período. Como exemplo dessas narrativas, citamos as histórias da loira do banheiro e da mulher de branco, entre outras. Sobre a temática da “dama de branco” nas lendas urbanas, Pereira e Dion (2011), no texto “*A Dama de Branco nos lendários do Québec e do Rio Grande do Sul*”⁶, assim afirmam:

O termo ‘Dama de Branco’ é termo genérico para designar as diversas aparições de mulheres vestidas de branco: noivas, santas, prostitutas, virgens, elas são pertencentes tanto de histórias trágicas ou não. Alguns fantasmas de mulheres de branco retornam para ajudar, outras para se vingar. Dama é um termo que enfatiza mulheres nobres, e o branco retoma a cor da neve, a pureza e a luz, sendo assim não haveria melhor escolha para designar um grupo de aparições de mulheres vestidas de branco. (Pereira; Dion, 2011, p. 4).

A narrativa sobre a mulher de branco, no Brasil, por exemplo, possui diversas versões, dependendo da região e fez parte de muitas gerações ao longo de mais de um século. Na tradição da cidade de Buenos Aires, Diego Zigiotto também a rememora na crônica *La Dama de blanco*:

La leyenda de la “Dama de Blanco” es universal. Muchas ciudades del mundo tienen diferentes versiones de este mito urbano. En Buenos Aires, la que se cuenta habitualmente menciona una joven que va a bailar una noche a uno de los diferentes boliches que pueblan los alrededores de Cementerio de la Recoleta. Antes de entrar al lugar, ve a una mujer de su misma edad en la esquina de Azcuénaga y Vicente López, apoyada sobre el paredón de la necrópolis, con una larga cabellera y vestida um tanto anticuamente, La muchacha

⁶ As autoras citam como exemplos de narrativas sobre as “Damas de Branco”, as narrativas pertencentes ao folclore do Québec, a saber: “La légende de Marie Hallé”, “La belle gardienne d’enfant”, “La dame blanche de Montmonrency” et a lenda de “L’auto-stoppeuse du parc des Laurentides”. “La légende de Marie Hallé”. (Pereira; Dion, 2011, p. 4-5).



lo mira y se sonríe.[...] Ella le disse suavemente su nombre... Algunos testimonios que afirman conocer el caso de primera mano, sostienen que la dama dijo “Rufina Cambaceres”; otros, que fue “Luz María García Velloso”. (Zigiotto, 2014, p. 95.).

Pode-se observar no fragmento retro mencionado que “A Dama de Branco” portenha também possui variações, a começar pelo nome da jovem e o espaço em que essa personagem circula durante a noite - o Cemitério da Recoleta, importante ponto turístico da cidade de Buenos Aires. Vale ressaltar que o Cemitério da Recoleta acomoda a mais famosa sepultura – a de Evita Perón, personagem que ficou marcada não só na história oficial argentina, mas também no imaginário do povo como “a mãe de todos os pobres”, pois Evita teve grande importância na sua atuação como Primeira Dama na década de 1940, período em que o país teve grande prosperidade econômica do país e uma política humanitária de assistência social.

A narrativa sobre a dama de branco, mencionada anteriormente, cita o nome de Rufina Cambaceres como provável protagonista. Cabe destacar que uma das crônicas do conjunto de textos de Diego Zigiotto, cujo título é “*Rufina Cambaceres, la joven que murió dos veces.*” Nessa crônica, o narrador nos mostra que Rufina Cambaceres é também uma visagem recorrente do Cemitério da Recoleta, pois é lá também onde está a sua sepultura:

Uma de las historias más trágicas dentro del Cementerio de la Recoleta, y la que más versiones tiene, es la de la joven Rufina Cambaceres, quien falleció el día em que cumplía 19 años, el sábado 31 de mayo de 1902. Rufina era hija del escritor Eugenio Cambaceres y de la cantante italiana Luisa Bacicchi. Em 1888 falleció Eugenio; Luisa comenzaría una relación cuatro años después com Hipólito Yrigoyen.

Esse 31 de mayo de 1902 se preparaba uma gran fiesta em la mansión familiar; em la avenida Montes de Oca 269, em el barrio de Barracas. La crónica del diário *La Nación* del 1 de junio menciona que “todos os afectos la rodeaban” em el festejo de su cumpelaños. “Después de despedir a sus amigas, la señorita Cambaceres pasó a sus habitaciones, a fin de vestirse para ir a la Ópera y, cuando todavía vibraba em el ambiente el eco de sus risas casi infantiles, una afección fulminante la derribo, rígida y yerta entre las galas com que se disponía a ataviarse”.

El Diario *El Tiempo* que no se editaba los domingos, recién da cuenta de la noticia em su crónica del lunes 2. Informa entonces que “e lacto de inhumación de los restos mortales de la malograda señorita Rufina Cambaceres, verificado ayer por la tarde em la necrópolis del Norte, há alcanzado las proporciones de uma verdadera demonstración de duelo.” (Zigiotto, 2014, p. 89-90 e 91).

O narrador prossegue contando as mais variadas versões e hipóteses para a morte de Rufina Cambaceres e o subtítulo da crônica indica “a jovem que morreu duas vezes”, porque uma das versões correntes é a de que a jovem saiu de seu féretro e ao se deparar com o cemitério teve um infarto e assim morreu. No ano seguinte, a sepultura foi mudada de lugar e com um novo ornamento “realizado por el artista francês Richard Aigner y fue la primera obra estilo *art nouveau* que se vio em nuestro país. No sólo se realizo la estatua, sino que se cambió el féretro de la joven. El nuevo fue realizado em mármol de Carrara.” (Zigiotto, 2014, p. 92). O cronista conclui que essa é a hipótese para que a jovem Rufina ficasse conhecida como “a jovem que morreu duas vezes” e para isso, ele insere a citação do necrológico de dois jornais.



A inserção do “discurso de outrem”⁷, ou seja, dos textos dos jornais nos mostram que o cronista traz para o seu texto, o discurso da autoridade⁸ da qual se reveste a notícia do jornal; (do factual), para sustentar a sua narrativa acerca da morte de Rufina Cambaceres. Além disso, o narrador coloca em relevo que na esfera da lenda urbana, a jovem Rufina é considerada como uma das possíveis “damas de branco” que assombram o cemitério da Recoleta no horário da noite. Como podemos observar a lenda urbana reúne variados gêneros do discurso que vão se entrelaçando à narrativa e, de acordo com Dion, “também tem como gênero vizinho o *fait divers*, que, por sua vez, tem na origem acontecimentos reais que receberão tratamento jornalístico.” (Dion, 2008, p.4). Ressalte-se que os gêneros do discurso não constituem conjuntos efetivos de textos, mas antes apresentam um quadro heterogêneo e dialógico, que estão em constantes agenciamentos e negociações por meio do interdiscurso.⁹ Ou seja, as lendas urbanas estão relacionadas com a oralidade, ocasionam o espanto e tendem ao insólito e ao absurdo, mas como toda prática discursiva, essas narrativas possuem potencial para criar efeitos de histórias verdadeiras e factuais, trazendo, muitas vezes fatos que ficaram nos subterrâneos da cidade.

Na narrativa “*Fantasma dos subterrâneos*”, Diego Zigiotto explora as histórias alimentadas pelo imaginário coletivo sobre a existência de numerosos e fantásticos túneis subterrâneos que escondem catacumbas ou

⁷ Tomamos de empréstimo a expressão de Bakhtin/Volochinov em *Marxismo e filosofia da linguagem*, para assinalar o dialogismo na narrativa de Zigiotto. (Bakhtin, 1990)

⁸ Baseamo-nos em Bakhtin, que assinala que em todo discurso há a presença de outros discursos. O enunciador evoca outros discursos para balizar o seu próprio discurso em uma “autoridade.” (Bakhtin, 1981).

⁹ ORLANDI, 2012.



lugares de refúgio contra ataques de inimigos e também espaço onde ainda circulam fantasmas dos operários das obras do metrô de Buenos Aires:

Em Buenos Aires existe uma amplia creencia relacionada com el subsuelo de la ciudad: muchos poreños piensam que bajo nuestros pies se extiende una extensa red de túneles, vários de ellos de siglos passados, y qui si – por ejemplo – uno se sumerge em la zona de la Manzanas de las Lucas, saldrá a la superficie allá por Palermo.

[...]

La primera noticia qe se tuvo de los túneles coloniales n Buenos Aires fue em 1848. Em febrero de esse año el comissário de la Sección Segunda descubrió em la fonda de la calle Belgrano 93 (de la antigua numeración) “ la boca de uma mona de explosión, cuya entrada principal se ubicó em el N°97 de la misma calle.”

[...] También se habló bastante de las llamadas “ catacumbas de la Casa de Gobierno.” Hilando fino, la palavra “catacumbas” se refiere a los antigos enterratorio de los primitivos cristianos em Roma. Luego la acepción pasó a usarse para indicar ele lugar donde descansan los restos de cualquier persona, sin importar su religión.

[...] Em la Casa de Gobierno [...] no fuern catacumbas sino los patios subterrâneos de maniobras de la vieja Aduana, llamada de “Taylor”, por Edward Taylor, el arquitecto inglês que la proyectó a mediados del siglo XIX.

[...]

El hecho que la Línea A [do Subte} tenga una curiosidade, dio origen también a uma laneda urbana: la que disse que entre las dos medias estaciones circulan los fantasmas de Giuseppe Y Leonardo, dos jóvenes obreiros italiano, falecidos em esse lugar cuando se construían las estaciones. Según dicen, se los ve sentados, com su ropa de trabajo y sus caras tristes, em los andenes de las dos medias estaciones que han quedado cerradas al público. (Zigiotto, 2014, p. 155-156 e 158).

No excerto acima citado, podemos fazer uma analogia da cidade com o palimpsesto, ou seja, o pergaminho medieval que foi raspado para dar lugar a uma nova escrita, conforme afirma Pesavento, esse palimpsesto vai “acumulando tempos, formas, usos e significados. Camadas superpostas que se insinúan, mas antepõem filtros ao olhar. É preciso desfolhar as camadas



de uma cidade, descer aos subterrâneos do tempo, ver o que se oculta sob a superfície do espaço.” (Pesavento, 2008, p. 9).

É, portanto, nessas “camadas superpostas” e em “folhas”, como bem assinalou Pesavento (2008), que a “cidade invisível” contida na Buenos Aires visível é lida pelo cronista Diego Zigiotto e ofertada como produto turístico a quem a visita. Podemos afirmar que a fascinação dessas histórias subterrâneas quer seja nos turistas quer seja nos habitantes de Buenos Aires, sem dúvida, nos lembra do quão tênue são as fronteiras entre a ficção e a realidade.

Assim, a cidade que habita o imaginário das curiosas narrativas gera novos significados para os espaços e cria novas “poéticas urbanas”, transformando a urbe em “lugar de memória”¹⁰ o que proporciona novos olhares e novas leituras sobre a história coletiva seja ela vivida ou imaginária.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Olhar o passado através das narrativas de espaços mal assombrados de Buenos Aires na obra *Buenos Aires misteriosa*, de Diego Zigiotto, nos revelou importantes aspectos da história da cidade, os quais correm às margens da história oficial. Observa-se que o passado, temática das narrativas do autor em tela, é resgatado sempre em diálogo com o presente, nos mostrando que uma cidade é feita de histórias e memórias e não somente de uma ordem urbana. Italo Calvino em *Cidades invisíveis*, quando o seu narrador Marco Polo descreve as ruas e a arquitetura de uma das cidades conquistadas, mas, aponta, mormente que a urbe também é alimentada pelos “acontecimentos do

¹⁰ NORA 1993.



passado: a distância do solo até um lampião, o percurso do cortejo nupcial da rainha; [...] e o salto do adúltero que foge de madrugada.” (Calvino, 1990, p.14).

REFERÊNCIAS

Andrade, C. D. Os mortos de sobrecasaca. In: _____. **Sentimento do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012 [1940].

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 5. ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1990.

BENJAMIN, W. O Flâneur. In: _____. **Sociologia**. Trad. Flávio Kothe. São Paulo: Ática, 1991.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: _____. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Campinas: Unicamp, 1992.

CERTEAU, M de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3 ed. Trad. Ephram Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

DION, S. A lenda urbana: um gênero narrativo de grande mobilidade cultural. Boitatá Revista, v. 3, n. 6, p. 1-13, 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/31156/21875>. Acesso em: 5 de abr. 2020.



KAPLAN, C. **Questions of travel**: postmodern discourses of displacement. Durham, London: Duke University Press, 1996.

LOPES, C. R. Lendas urbanas em arquivo: uma relação de complementaridade. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 49, n. 1, p.11-20, jan./jun., 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132010000100002. Acesso em: 14 abr. 2020.

NORA, P. Entre memória e história. A problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. **Projeto história**, São Paulo, n. 10, p. 1-22, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em: 10 abr. 2020.

ORLANDI, E. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. Campinas: Pontes, 2012.

PEREIRA, G. C.; DION, S. (2011). A Dama de Branco nos lendários do Québec e do Rio Grande do Sul. In: Congresso Internacional da Associação Brasileira de Estudos Canadenses: 20 anos de interfaces Brasil-Canadá, XI, Salvador: 2011. Anais [...]. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2011. Disponível em: <http://www.anaisabecan2011.ufba.br/Arquivos/Pereira-Dion.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2020.

PESAVENTO, S. J. História, memória e centralidade urbana. **Revista Mosaico**, v.1, n.1, p. 3-12, jan./jun. 2008. Disponível em: http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/GEOGRAFIA%20SOCIAL%20E%20CULTURAL/TEXTOS%20SEMINARIOS%20GSC/Mem%F3ria%20das%20Cidades/hist%F3ria%20e%20mem%F3ria%20urbanas.pdf. Acesso em: 16 abr. 2020.

ZIGIOTTO, D.M. **Buenos Aires misteriosa**. Crímenes, leyendas y fantasmas de la ciudad. Buenos Aires: B, 2014.

